

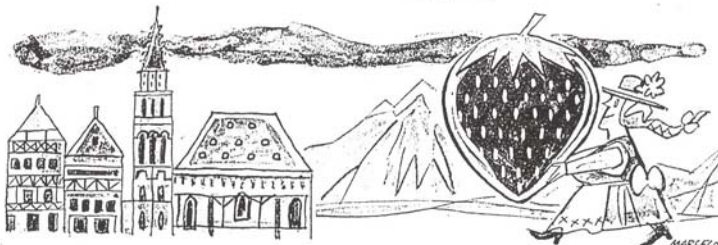
ANEXOS

1

O fator local

Talvez o 'fator local' só funcione mesmo quando, além do clima, exista um governo forte por trás da seleção decidido a fazer História. O que, felizmente, não é o caso da Alemanha. No momento

VERISSIMO DE KÖNIGSTEIN



Mau presságio. Não sou supersticioso. Uso amuletos espalhados pelo corpo para afastar a superstição. Mas este frio na primavera além quando todo o mundo esperava... bom, uma primavera, pode ser um prenúncio de decepções por vir. Não posso bater na madeira para anular meu próprio pensamento negativo porque a mesa em que eu trabalho é de vidro. Outro mau sinal. Pela janela do meu quarto de hotel vejo um campo de morangos cheio de pessoas colhendo os morangos que vão comprar. É, strawberry fields for everibodi. Nada de agourento nisto, é até uma bela cena, mas sei lá. Até a forma das nuvens me parece suspeita. Algo está sendo tramado. Os alemães talvez tenham mobilizado a meteorologia para agravar o chamado "fator local" contra a gente. O fato é que ninguém veio preparado para o frio. Vimos preparados para a primavera e a vitória. A primavera, nos so-

negaram. O que mais vão querer nos negar? No outro dia a Fátima Bernardes tritava de frio na rua principal de Königstein, fazendo uma matéria. Está bem, é assim que eles querem? Pois vamos vencer o "fator local", vamos desafiar as forças cúmplices da Natureza, vamos vingar a Fátima Bernardes e vamos ganhar este troço! No fim, só o que muda mesmo é que o time terá que jogar de mangas compridas.

Tema para debate: a influência do "fator local", ou do "fator campo" no resultado das Copas através da História. Descontando coisas difíceis de julgar como a importância da possibilidade de linchamento na psicologia de um juiz e coisas óbvias como a pressão da torcida contra na psicologia do adversário do time local, quando foi que o "fator local" determinou sem dúvidas um resultado? Falsa-se muito no caso da Argentina em 1978. O

regime militar da época só não teria mobilizado o tempo para ajudar seu time, tudo o mais foi, supostamente, feito. Teriam até subornado o goleiro do Peru para levar o exato número de gols necessário para assegurar a classificação da Argentina. Mas o "fator local" não ajudou a Espanha em 82 nem a Itália em 90, só para ficar em seleções com possibilidades de ganhar com ou sem ajuda. Talvez o "fator local" só funcione mesmo quando, além do clima, exista um governo forte por trás da seleção decidido a fazer História. O que, felizmente, não é o caso da Alemanha. No momento.

Só agora que os colhedores de morango foram embora e nada mais me distrai, me dou conta que o frio na verdade ajuda os nossos jogadores, todos eles europeus adotados que talvez estranhassem um clima muito brasileiro. Esqueçam tudo que eu escrevi.

4

Tranquilidade inquietante

Perguntei ao Tostão, que esteve na Suíça, se as perspectivas da seleção eram boas. São boas demais, respondeu o Tostão. Perfeito. A ausência de preocupação é que preocupa. Você também não estaria tranquilo com tanta tranquilidade. Precisa-se de uma crise, com urgência, na seleção, qualquer coisa maior do que uma bolha, para as coisas voltarem ao normal

V E R I S S I M O

DE KÖNIGSTEIN



Os que acompanhavam a seleção desde a Suíça chegaram contando que Parreira estava tenso, mal-humorado e pouco falante. Se isso é verdade, o clima com que Königstein recebeu a seleção lhe fez bem. Na entrevista de ontem ele estava à vontade, paciente e loquaz. Seria a mágica da primavera, mesmo um simulacro de primeira como esta. Ou seria o comportamento natural do treinador de uma seleção tão sem problemas que uma bolha no pé é a sua maior preocupação. Mas a ansiedade incongruente do Parreira também se explicava. Perguntei ao Tostão, que esteve na Suíça, se as perspectivas da seleção eram boas. São boas demais, respondeu o Tostão. Perfeito. O problema é a falta de problemas. A ausência de preocupação é que preocupa. Você também não estaria tranquilo com tanta tranquilidade. Precisa-

se de uma crise, com urgência, na seleção, qualquer coisa maior do que uma bolha, para as coisas voltarem ao normal. Pela primeira vez, provavelmente, numa Copa do Mundo o Brasil vai jogar com um time unanimemente aprovado, outra tranquilidade inquietante. Na entrevista de ontem, Parreira disse que tem dormido bem. Só o fato de estar dormindo bem já deveria tirar o sono do Parreira.

■■■■■■■

Culpa minha, que resisti à língua quando podia, tê-la aprendido e não me preparei nem para chegar aqui e distinguir mais do que engang de augsang. Na Alemanha estou tendo uma demonstração prática do terror de ser analfabeto. Só abrir jornal para ver as figuras é um martírio. No sagão do nosso hotel o único jornal não-alemão encontrável é o "Financial Times".

■■■■■■■

Estou me tornando uma autoridade em finanças internacionais por falta de opções. Como sou um guttenbergiano irremediável, a internet não me salva. Não consigo encantar texto em tela de computador como se fosse texto impresso. Jornal tem que sugar os dedos. Estamos perto de um — como se diz em língua de cristão — "shopping center" onde há dez cinemas. Todos os filmes são dublados em alemão. Na verdade tudo aqui está muito bom, os morangos são doces, a companhia é ótima, a Copa promete ser sensacional, o Brasil está tranquilo, mas eu sinto uma falta danada de legêndas.

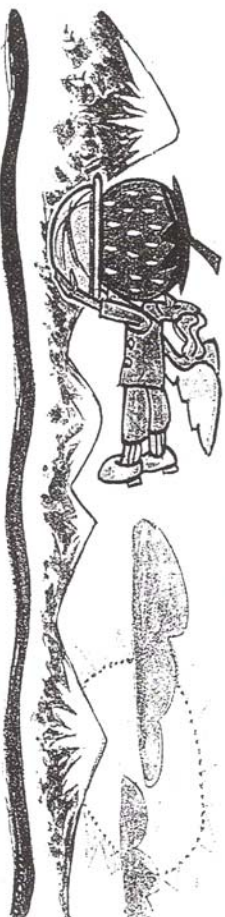
■■■■■■■

Depois do treino de ontem Ronaldinho e Rogério Centi ficaram vendo quem acertava o travessão de fora da área mais vezes. Quase não erraram. Tudo está bom demais!

5

Morangos, morangos

VERISSIMO DE KONIGSTEIN



Marcelo

É impossível que já não tenham colhido todos os morangos maduros ou em vias de amadurecer deste campo! Mas as pessoas continuam a vir, a pegar seu baldinho e a enchê-lo de morangos. O dia inteiro, dia após dia. Imagino que chegará um momento em que se engalinharão, brigando pelos últimos morangos

O campo de morangos que vejo pela janela do meu quarto está sempre cheio de gente. Durante todo o dia chegam pessoas de carro, de bicicleta ou a pé, pegam o seu baldinho numa barrquinha e vão colher morangos, que pagam na saída. Não entendo muito de morangos fora da loja e não sei se o que vejo da janela é uma plantação maior ou menor do que o normal, mas, calculando o número de colhedores em relação à extensão do campo, só no período sob minha supervisão, descendo que alguém ainda repouso morangos durante a noite. É impossível que já não tenham colhido todos os morangos maduros ou em vias de amadurecer deste campo! Mas as pessoas continuam a vir, a pegar seu baldinho e a enchê-lo de morangos. O dia inteiro, dia após dia. Imagino que chegará um momento em que se engalinharão, brigando pelos últimos morangos.

Nós não chegaremos a esse ponto. Só precisaremos colher no campo árido de assuntos que precede o início da Copa até a bola começar a rolar oficialmente, na sexta-feira. Até agora cada um foi procurar seus morangos onde pode. A partir de sexta-feira teremos assunto certo. E eu prometo nunca mais falar no campo de morangos que vejo da janela do meu quarto.

■■■■■

Mas enquanto a bola não rolar... Estamos a poucos quilômetros de Königstein, onde está a seleção, e a não muito mais quilômetros de Frankfurt, a grande cidade do região. É uma área de pequenos lugares todos ligados por trens suburbanos a Frankfurt e, nos disseram, com um dos mais altos níveis de renda por cabeça da Alemanha. Uma zona residencial, semi-rural, onde se criam cavalos (e se colhem morangos) e onde você não sabe se inveja o conforto e a segurança ou se se consola imaginando o tédio. Aos poucos vamos descobrindo as possibilidades dos arredores — um razoável restaurante chinês no shopping-center aqui perto, um grêgo maluco em Königstein que tomava um ouzo para cada um que nos servia, um italiano em Bad Soden — mas também descobrindo horrores de ônibus e trens para eventualmente ir a Frankfurt e escapar de tanta paz. O perigo de ficar, assim, um tempo no primaríssimo mundo e a gente se acostumar.

■■■■■

Oh! Já é o fim do dia e continua chegando gente no campo de morangos que vejo da janela do meu quarto. Já sei! É a turma que vem colocar os morangos para os colhedores de amanhã.

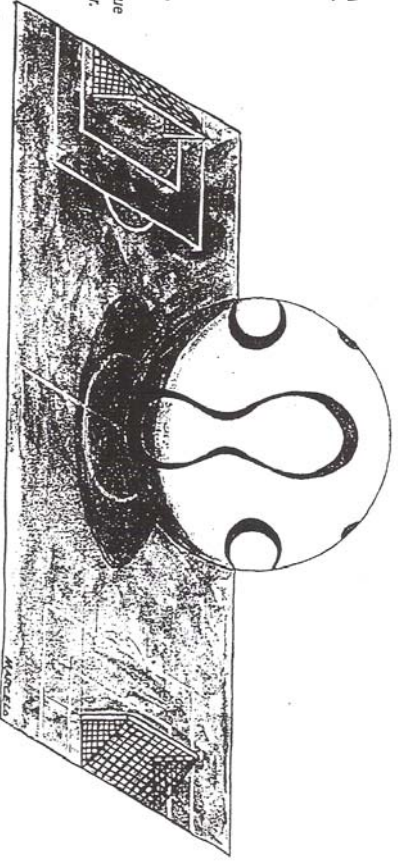


VERISSIMO DE KONIGSTEIN



Prólogo e epílogo

Quando convidaram o João Saldanha para ser o técnico da seleção de 70, a primeira coisa que ele fez, na primeira entrevista que deu como técnico, foi escalar o time titular. Que acabou não sendo o time que venceu no México, mas só o seu anúncio já mostrava que a mentalidade era outra



O passado é prólogo. No momento em que o juiz apita o começo do jogo Alemanha x Costa Rica e a bola faz um giro completo sobre a sua circunferência, hoje, tudo o que houve até aqui passa a ser preâmbulo. As Copas até agora, a preparação para esta, tudo virá história. Passa a valer só a realidade concentrada nos 90 minutos, mas os descontos de cada jogo até o apito final do jogo final. Quando esta Copa também poderá ser estudada num contexto histórico e se transformará em matéria de memória. Prólogo para a de 2010.

Raul Millán, o responsável pelo livro "Vida que segue", com textos de João Saldanha, teve a feliz ideia de escolher as crônicas de João que tinham sido Copas de 1966 e 1970.

Uma foi prólogo da outra. Estou degustando aos poucos o livro, que o Rodolfo Fernandes leve a gentileza de me trazer do Brasil. É excelente. O desastre de 66 foi a condição para a vitória de 70, o seu preâmbulo direto. O livro é sobre isso, além de ser o retrato de uma personalidade fascinante. Em 66 o Brasil, empolgado com as vitórias de 58 na Suécia e 62 no Chile, convocou seis seleções completas para a Copa da Inglaterra. Outros meus neurônios me enganam? Não, foi isso mesmo. Mais de 60 jogadores foram chamados para uma viagem inicial que incluiu jogos entre os diversos times em diferentes locais do país, dentro do projeto de explorar politicamente o futebol, do regime militar. Esta loucura não foi a única responsável pela derrota na Inglaterra, mas dá uma ideia de como se organizava o futebol na época.

Quando convidaram o João Saldanha para ser o técnico da seleção de 70, a primeira coisa que ele fez, na primeira entrevista que deu como técnico, foi escalar o time titular. Que acabou não sendo o time que venceu no México, mas só o seu anúncio já mostrava que a mentalidade era outra.

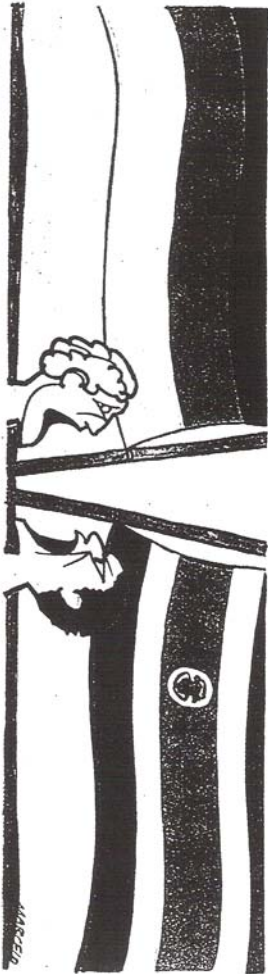
Este passado teve um epílogo triste. Me lembro da preocupação dos amigos dele, em Roma, em 90. Na época para o João ter tido aquela Copa, no estado em que estava. Morreu lá. Mas também não poderia ter ficado em casa. Era a primeira Copa depois da derrota em 66. Nos quatro anos entre 66 e 90 ele disse como a seleção deveria jogar na Itália. Era só para a seleção sair, mais uma vez, tinham lhe ouvido.

7

Os hinos

Quem poderia esperar um jogador costa-riquenho chamado Wanchope fazendo o Kilmann e outros milhares de alemães torcer para que o jogo acabasse logo?

VERISSIMO
DE KONIGSTEIN



Na hora do hino já dava para adivinhar quem ia ganhar: Um hino era marcial, do tipo que impõe os filhos da pátria para a glória ou para a morte. O outro era melancólico, quase plangente. Claro que ganhou o time do hino triste. Países como a Alemanha, que volta e meia invade um vizinho, e a Inglaterra, que gostava de mandar seus soldados morrer e matar pelo império na terra dos outros, costumam ter hinos pastoraís e pacíficos. Já países como a Costa Rica, que, eu acho, nunca invadiu ninguém ou teve um império — aliás, que nunca teve exército — costumam ter hinos guerreiros. Mas mesmo com seu hino hipocrita a Alemanha não teve a facilidade para arrasar a Costa Rica de hino incongruente como se esperava, no primeiro jogo da Copa. Quem poderia esperar um jogador costa-riquenho chamado Wanchope fazendo o Kilmann e outros milhares de alemães torcer para que o jogo acabasse logo?

Minha opinião: no primeiro gol da Costa Rica o Wanchope não estava impedido. Tinha um alemão do lado de cá "tanto confidões", como se diz na linguagem específica do impedimento, esta ciência imprecisa. No segundo gol, estava. Foi um jogo que melhorou bastante no segundo tempo: de horrórico passou a chato. Valeu pelo Wanchope. E, claro, pelos gols do Lahm e do Frings, com fornetaíeis chutes de fora da área. Achei que Lahm foi um dos melhores jogadores da Alemanha, junto com o Podolski. Se eu estava torcendo pela Costa Rica? Claro. Não só pela camiseta vermelha mas pela possibilidade, sempre estimulante, da Copa começar com um choque.

Liguei a televisão do quarto para ver se tinha alguma notícia sobre o horário da festa inaugural da Copa. A festa já tinha começado, mais de uma hora antes do jogo. Os alemães são meio duros em matéria de espetáculo, pelo menos os que não envolvem multidões arrejentadas e a precisão tem que ser complementada pela inventividade. Mas a festa foi bonita, com um desfile de ex-campeões do mundo especialmente emocionante. No momento em que escrevo o Equador ganha da Polónia por um a zero. Acabou o primeiro tempo. Não ouvi os hinos, antes do jogo. Mas acho que este também é um confronto entre hino sangüinário e hino depressivo.

8

VERISSIMO
DE KONIGSTEIN



O convívio possível

Há alguns anos a migração humana na Europa era interna e branca: italianos, gregos, portugueses e espanhóis fugiam das suas respectivas crises econômicas e ocupavam a Europa mais próspera

Neste canto idílico da Alemanha em que estamos se vê muitos imigrantes, mas é difícil imaginá-los como problemáticos. Parecem bem integrados na paisagem social — pelo menos para quem está de passagem, sem muita informação. Mas a questão dos imigrantes divide cada vez mais a Europa e é politicamente vital porque atravessa ideologias e partidos. Sindicalistas de esquerda se unem ao patriciado de direita, liberais ponderados a neozaristas boçais, na convicção de que é preciso fazer alguma coisa para estancar a invasão da Europa, ou da parte deservida do Hemisfério Norte, pelo resto do mundo. Seja para assegurar o mercado de trabalho, as culturas endógenas ou a sobrevivência da raça branca, a onda antimigração é reacionária. Nega às pessoas a liberdade que tem o capital de ir e vir como bem entende e se instalar onde acha que vai se dar melhor. Mas é uma questão imune à razão e aos bons sentimentos, que só piorou à medida que a pele dos invasores foi escurecendo.

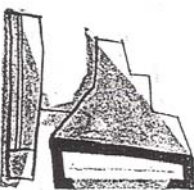
Há alguns anos a migração humana na Europa era interna e branca: Italianos, gregos, portugueses e espanhóis fugiam das suas respectivas crises econômicas e ocupavam a Europa mais próspera. Há alguns anos a migração humana em impiedosos países nórdicos chegou a ser um bordão dramático, e conto, do cinema da época. Uma vez esteve numa cidade do interior da Alemanha em que, para uma população de mais ou menos 30 mil, havia 39 restaurantes gregos. Esse tráfego interno diminuiu com melhores condições econômicas na Itália e na Grécia e com a absorção da Península Ibérica pela Europa mas a esta altura imigrantes legais ou ilegais de pele escura, da Turquia, da África, da Ásia, do Caribe — cujos precursores tinham sido os súditos de antigos impérios coloniais como o inglês, o francês e o holandês, vindos à metrópole como filhos bastardos para reclamar sua herança — já começavam a chegar em horas, e a enfrentar preconceitos mais viscerais, portanto mais inventivos. Hoje a Itália, que exportava mão-de-obra sem perspectiva, atrai imigrantes, e os recebe

com variados graus de xenofobia e racismo. Os brancos do Hemisfério Norte proiriam cada vez menos, a população de pele escura se multiplica, desse desequilíbrio e da luta por empregos que escasseiam cresce a reação generalizada. E as ameaças fascistas.

Mas, com todas as notícias da intolerância crescente, a impressão que fica no visitante — inescapavelmente superficial, ainda mais se você está prestando mais atenção no pé do Ronaldo do que no ambiente — é de que a nova Europa é um exemplo de bom convívio possível entre desiguais e de integração cultural. Em países como a França e a Inglaterra, além da Alemanha, os vislumbres que se têm são de uma experiência que funciona, apesar de todos os temores e ódios. Claro, os estrangeiros trabalham por menos e aceitam qualquer emprego, são as leis impressionais do mercado, e padrões aprovadores, não a harmonia universal, que explicam a cacofonia. Mas ela não deixa de ser admirável. O soltaque hoje é a língua comum da Europa.



VERISSIMO DE KONIGSTEIN



MARCELO

Mandem uma camiseta!

Talvez a máquina de promover e explorar celebridades só estivesse esperando um produto diferente, meio grande atleta, meio herói infantil, como a grife Ronaldinho para vender, e ele apareceu na hora certa. Seja como for, acho que estamos diante de algo inédito

Quatro dos oito times que, pela Lógica (aquela senhora cujos palpites nem sempre dão certo), podem ser considerados candidatos ao título já estrearam, e o melhor comentário que se pode fazer sobre os seus jogos é anhamham (Bocejão). Alemanha, Inglaterra, Argentina e Holanda venceram mas foram quatro vitórias sem brilho e, fora a da Alemanha, que levou alguns sustos mais fez 4 a 2 na Costa Rica, apertados. Na minha opinião o melhor jogo do fim de semana foi México x Ira. Se fossemos nos gular por estes primeiros jogos valeria dizer que o provável campeão desta Copa não estreou. Mas é claro que uma primeira rodada cujo melhor jogo foi México e Ira não prova nada.



Ronaldinho Gatcho contou que seu sobrinho Diego será — opinião da própria família — o melhor deles todos. O garoto, quando não está fazendo o impossível com a bola, está no campo a patador vento o que os outros fazem. E mostra para o tio as jogadas que experimenta e as novidades que grava. Quer dizer, estamos na perspectiva não só de outro Ronaldinho mas de um Ronaldinho cientificamente programado. A dinastia se normaliza. Que maravilha ainda não veremos ser testadas, por tio e sobrinho? O Diego pode muito bem estar reinventando o futebol.



As japonesinhas que cercavam o hotel dos ingleses, em 2002, gritavam "I love you, Beckham". O ídolo do momento provoca manifestações que nada têm a ver com o futebol. Transforma-se num objeto de fantasias e paixões independentes do que ele faz em campo. Como Beckham, muitos jogadores, em diferentes épocas, se tornaram celebridades tanto pela sua figura e personalidade quanto pela notoriedade esportiva. Mas não deve haver precedente para o tipo de idolatria que Ronaldinho Gatcho desfruta, em todas as idades e todos os sexos. Estamos tendo uma prova dela aqui, onde não é raro você ouvir uma criança gritar "Ronaldinho" na rua sem mais nem menos, só pelo prazer de gritar o nome mágico. Talvez tudo se explique pela



alegria com que ele joga, e a identificação que isto traz com crianças e pessoas que não ligam para o futebol mas simpulizam com seu jeito de bom moço. Talvez a máquina de promover e explorar celebridades só estivesse esperando um produto diferente, meio grande atleta, meio herói infantil, como a grife Ronaldinho para vender, e ele apareceu na hora certa. Seja como for, acho que estamos diante de algo inédito.

Ele também contou que se emociona quando fala com o filho, que já diz "Papai" e "Bola". E revelou que o menino já tem camisetas de vários times do mundo mas, por uma distração sua, não tem uma do Grêmio. Olha aí, pessoal. Ainda há tempo. Mandem uma camiseta do Internacional para o garoto HOJE.

10

Em Berlim

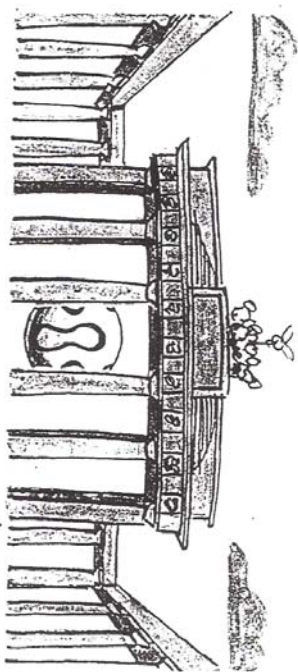
Voltamos a Berlim depois da queda do muro, quando estavam constituindo a nova cidade integrada e viva que vimos ontem, na nossa chegada do interior. Um cidadão, claramente a caminho de cumprir a previsão de que será a Paris do século vinte e um

VERISSIMO DE BERLIM



Sou um veterano da Guerra Fria. Na primeira vez que vim a Berlim passei pelo famoso "Checkpoint Charlie", onde policiais do lado comunista examinavam a parte de baixo do nosso ônibus e as nossas cartas com a mesma atenção, atrás de algum sinal de ameaça ao regime. Anos depois fizemos a travessia de metrô, pela também notória estação de Friedrichstrasse. Nas duas vezes nossa estada na sombria Berlim Oriental foi temperada por episódios de humanidade brasileira.

Na primeira vez, fazia parte do grupo o escritor paraense Domingos Pellegrini, que no meio do tour desafiou a rigidez protocolar da nossa guia com uma incontrolável vontade de fazer xixi. Tanto insistiu o Pellegrini que o ônibus parou para ele entrar num café e se aliviar. Entrou — e não saiu mais. Nós preocupados, esperando no ônibus, e a guia inquietíssima, na certa já pensando na explicação que teria que dar para o desaparecimento de um incontinentemente brasileiro sob sua responsabilidade. Ela não se aguentou e foi buscar o Pellegrini — que saiu com um copo na mão, trocando brindes com seus novos amigos, que vieram para a porta do café despedir-se dele. No caminho de volta para o lado oriental, Pellegrini gritava dentro do ônibus "Os sistemas não valem nada! São as pessoas



que importam". A guia não achou graça.

Da outra vez quem estava no grupo era o Ziraldo. Passamos todos pela polícia oriental na saída do metrô — metros a nossa guia. Ela trazia um jornal que, por alguma razão, não agradou às autoridades. Barraram sua passagem. E então o Ziraldo fez uma coisa provavelmente inéscita em toda a história da cidade dividida: voltou para o lado ocidental, passou de novo pelo controle e reentrou no lado oriental, trazendo a guia, sob os nossos aplausos. Até hoje ninguém sabe que argumentos o Ziraldo usou, e em que língua, para realizar seu feito. Há quem date da passagem do Ziral-

do pela estação de Friedrichstrasse, duas vezes, o começo do fim do muro de Berlim.

Voltamos a Berlim depois da queda do muro, quando estavam constituindo a nova cidade integrada e viva que vimos ontem, na nossa chegada do interior. Um cidadão, claramente a caminho de cumprir a previsão de que será a Paris do século vinte e um.

■■■■■■■

A Austrália foi uma semi-surpresa, os técnicos confirmaram que podem ir longe e os italianos pareciam cansados da Copa — no seu primeiro jogo! Mas ganharam. E hoje é nós.

11

VERÍSSIMO DE BERLIM



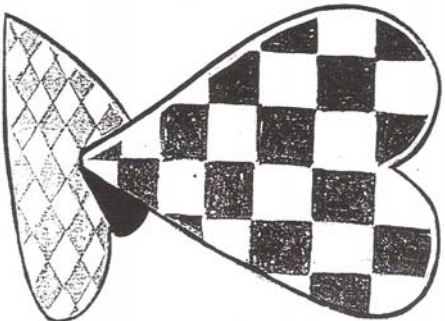
Aflicção na cabine

Quanto aos croatas se pode dizer o seguinte: pela sua torcida, mereciam pelo menos empatar. Pela sua camiseta, mereciam perder. Mas é mentira que os jogadores brasileiros fugiram na hora de tocar as camisetas

As toaletes pagas que tinham substituído os antigos "pissotois" desapareceram das ruas de Paris. Os "pissotois" eram malcheirosos anacronismos numa cidade tão civilizada e as cabines automáticas substituíram, acho eu, ao conflito entre a pressa para usá-las e a dificuldade em arranjar troco. O que a gente mais via em Paris era gente falando de um pé para o outro e contando moeda na frente de uma toalette de rua impiedosamente fechada. Mas deram outra chance à ideia na moderna Berlim, onde existem solitas cabines de aço aluminado, com instrutores em várias línguas, para as necessidades dos transeuntes. Com uma particularidade curiosa. Segundo as instruções, ninguém precisa se preocupar com o terror de ficar preso dentro da cabine até que venham dinamitar a porta. Dentro da cabine tem um botão para abrir a porta. Mas se o botão não for acionado em 20 minutos, a porta se abre sozinha. Dira você que 20 minutos são suficientes para qualquer necessidade humana. Mas sempre haverá o caso de um cidadão ou uma cidadã que não conseguiu resolver seu problema em 20 minutos. E imagine a aflicção da pessoa que vê chegar os 20 minutos sem que tenha terminado de fazer o que precisava fazer. Sabendo que falta pouco para a porta se abrir

sozinha e ela ficar exposta a quem passa, justamente num momento, assim, de crise existencial extrema. De certa forma (ou você pensou que esta crítica não era sobre o jogo de ontem?) foi uma aflicção parecida a que sentimos todos durante os mais de 40 minutos em que o gol contra a Croácia não saía, e a ameaça do primeiro gol, ser da Croácia, com todas as conseqüências psicológicas disso, era real. Mal comparando, o alívio que sentimos com o gol espetacular do Kaká aos 41 minutos foi equivalente a chegar ao fim da nossa performance na cabine aos 19 minutos.

Foi pouco o Brasil. A Croácia atacou sempre pela esquerda, o que significou que Calu quase não foi à frente, e Roberto Carlos também, raramente chegou perto da linha de fundo. Nosso ataque se resumiu em tentativas pelo meio, onde sempre havia mais croatas do que brasileiros e as bolas enfiadas batiam e voltavam. Quanto aos croatas se pode dizer o seguinte: pela sua torcida, mereciam pelo menos empatar. Pela sua camiseta, mereciam perder. Mas é mentira que os jogadores brasileiros fugiram na hora de tocar as camisetas.



Marcelo

12

VERISSIMO DE BERLIM



Olé

O diabo é que aquela é uma posição paradoxal, para não dizer desgraçada. O cara está lá para fazer gols e tem que jogar de costas para o seu objetivo na vida. É um finalizador, tem uma das funções básicas de um time de futebol, e geralmente toca menos na bola do que um gandula

O homem está apático. Não se mexe, não sabe o que fazer. Não dá mais. Acabou. O homem era Ronaldo e as frases são da Copa do Mundo de 2002. Que o Brasil ganhou, em grande parte, graças às pontas, mas decisivas vezes, em que Ronaldo fez o que sabe fazer, gols. No jogo de ontem, Ronaldo só chegou perto de marcar um gol uma vez. Aquela chute por cima do travessão. No resto do tempo foi apático, etc. Nossa esperança é que Ronaldo repita 2002, exatamente. Jogando mal ele já está. Falham os gols.

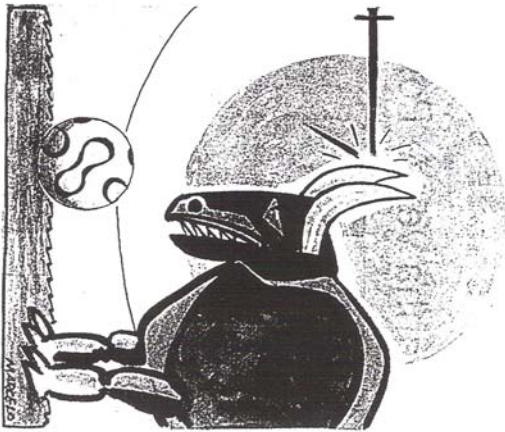
O diabo é que aquela é uma posição paradoxal, para não dizer desgraçada. O cara está lá para fazer gols e tem que jogar de costas para o seu objetivo na vida. É um finalizador, tem uma das funções básicas de um time de futebol, e geralmente toca menos na bola do que um gandula. Vive cercado de inimigos cuja única preocupação é evitar que ele pratique o seu ofício e cumpra seu destino. Ou ele é um touro sem sentimentos ou acaba com problemas emocionais e físicos. Ronaldo não é um touro sem sentimentos.

.....

Mas — aproveitando a analogia — um centrovante também tem a mesma oportunidade que tem um toureiro de se reclinar num segundo. Um toureiro pode fazer uma "faena", meditar, tropeçar na capa, receber vaías e almodadas na cabeça e ser gozado pelo próprio touro, mas, se sua estocada final for perfeita, direto no coração do animal, ele sairá da arena consagrado. A tourada não passa de um processo para evitar que, na hora da estocada, o touro levante a cabeça. É um dramático ritual de luzes e sangue com um único propósito, objetivo: cansar os músculos do pescoço do touro. Um jogo de futebol também é apenas um processo ritualizado, cujo fim é o gol. É a bola lá no fundo. A estocada no coração. Se aquele chute por cima do travessão tivesse entrado no gol, ninguém estaria falando mal do Ronaldo e da sua "faena". Ele teria saído de campo sob vivas e dormido com a Rita Hayworth.

.....

Touros, toureiros. Quem dita que o verdadeiro Brasil estrearia na Copa ontem, disfarçado de Espanha?



VERÍSSIMO

DE BERLIM



Ninguém é ingênuo

A verdade é que ninguém mais é ingênuo. Com o futebol mundializado, não há mais times das metrópoles e times da periferia. Não existem mais "africanos" em nenhum continente

Dizem que o maior trabalho do técnico dos Estados Unidos na Copa de 50 era lembrar a seus jogadores que não podiam pegar a bola com a mão. E este time dos Estados Unidos derrotou o da Inglaterra, um a zero. Foi a primeira grande zebra da história das Copas. Houve outras depois, mas foi na vitória dos americanos em 50 que pensel (quando Trinidad e Tobago quase marcou (quase marcaram?), ontem, com poucos minutos para terminar seu jogo com a Inglaterra, que estava zero a zero. Seria outro choque, desta vez mais simbólico do que grotesco. Significando que não há mais zebras inimagináveis. Mas o Beckham cruzou na área, cruzou na área até que deu certo, e deste a Inglaterra se saiu.

É comum nas Copas aparecer um time africano jogando um futebol de gente grande que ninguém sabe de onde saiu. Jogam com alegria, com audácia e com ingenuidade, causam sensação, nunca vão até o fim — e não voltam na Copa seguinte. O surpreendente time africano desta Copa é diferente. Para começar não é da África, é da América do Sul e se chama Equador. Também joga com alegria e audácia mas a semelhança

termina aí. Não é ingênuo. As qualidades tropicais dos outros surpreendentes times africanos acrescentou uma disciplina tática europeia, e uma certa arrogância que é só dele. Outra diferença é que este "africano" pode ir longe. Dos times de camisa amarela da Copa é o melhor até agora.

Claro que o bom futebol do Equador não é uma surpresa, completa para quem o vê eliminatórias passadas. Mas esta é a sua segunda Copa. Seu futebol atual deve ser comparado com o da sua primeira participação. E cabe a pergunta: de onde saiu essa bola toda? E essa empáfia?

A verdade é que ninguém mais é ingênuo. Com o futebol mundializado, não há mais times das metrópoles e times da periferia. Não existem mais "africanos" em nenhum continente.

A vitória de outro time amarelo, a Suécia, sobre o Paraguai foi o terceiro jogo seguido decidido no fazinho. Esta está se tornando a Copa do último minuto.



14

VERISSIMO

DE BERLIM



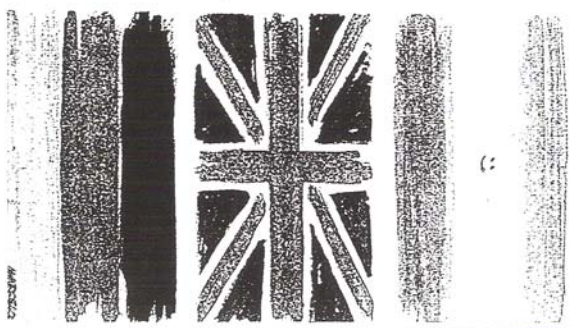
As potências até agora

E a potência teoricamente favorita? Ontem vi um jornal de Berlim cuja manchete era "Ronald Drama". Não deu para saber qual era o drama ou o que a notícia dizia sobre a seleção. De certa maneira, isto resumia tudo

O técnico da Sérvia e Montenegro não se levantou do seu lugar uma única vez durante a partida. Sua cara era de quem mal podia esperar o fim do jogo para voltar a fazer turismo, que foi o que o trouxe à Alemanha. Não sei se foi impressão minha mas acho que o vi consultando um mapa enquanto seu time levava o quarto ou o quinto gol. Em campo, os sérvios e os montenegrinos tinham decidido antecipar a próxima divisão dos dois países e cada um jogava pelo seu, recusando-se a passar a bola para um estrangeiro. Mas nada disto impede que se respeite os seis a zero que a Argentina aplicou. Três na Sérvia e três em Montenegro. Num campeonato em que as grandes potências estão ganhando de adversários mais fracos com as calças, para não dizer a reputação, na mão, e em mais de um caso no fim do jogo ou na prorrogação, a Argentina é a primeira a merecer a exclamação que o narrador alemão de ontem usou várias vezes: "Senzaconal". E com um agravante, ou um adocante se você é argentino: fez quatro dos seis gols sem o Messi e o Tavez em campo. "Senzaconal", sem dúvida.

Enquanto escrevo a Holanda ganha da Costa do Marfim, mas já temos três das oito potências com teórica chance neste Mundial com dois jogos jogados. A melhor de todas até agora é a

Argentina. A Alemanha teve mais dificuldade para ganhar da Polônia do que teve o Equador. Mesmo descontando o fato de o Equador ser a melhor surpresa da Copa, não recomendaria a Inglaterra sofrer para derrotar o Paraguai e sofrer para derrotar a Trinidad e Tobago. De tudo que se sabia dos ingleses, não era para esperar tanta dor. E era para esperar que este ano eles estivessem diferentes. Há quem diga que é falso que os ingleses inventaram o futebol. Esta seria uma mentira histórica que se banalizou pela repetição. Na verdade, os ingleses inventaram a bola, levantada na área para alguém cabecear. Ficavam dezasseis jogadores na frente do gol e um Beckham da época mandando a bola para o meio deles, para ver no que dava. Mais tarde, em outro país, alguém aproveitou a invenção inglesa, a combinou com outras jogadas, criou o futebol como nós o conhecemos. Mas se esqueceram de avisar aos ingleses.



E a potência teoricamente favorita? Ontem vi um jornal de Berlim cuja manchete era "Ronald Drama". Não deu para saber qual era o drama ou o que a notícia dizia sobre a seleção. De certa maneira, isto resumia tudo.

Há um óbvio drama pessoal envolvendo o Ronaldo, mas o que mais está acontecendo com a seleção é de difícil leitura. Pra mim, é

15

V E R I S S I M O
DE MUNIQUE

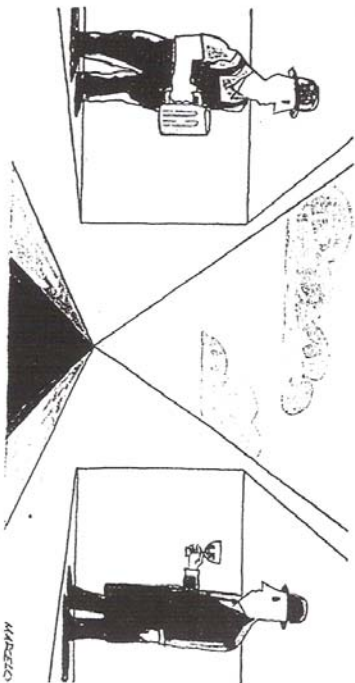


Vitrines

E aconteceu uma coisa curiosa. Com a reunificação, os dois mundos não têm mais uma fronteira física mas mantêm uma diferença que só pode ser descrita, na falta de um termo mais preciso ou menos aéreo, como de atmosfera

Deve ter dado para notar que alguns do nosso grupo ficaram em Berlim enquanto o resto voltou para os campos de morango perto de Königstein e da seleção. Aqui vivemos que mudar de hotel, de um na ex-Berlim oriental para um no centro da ex-Berlim ocidental. No tempo do muro a diferença entre as duas Berlins era evidente. Cruzar o muro — do lado ocidental para o lado oriental, legalmente, ou de lá para cá, sob balas — era atravessar a fronteira entre dois mundos contrários. De um lado uma feérica vitrine do consumismo capitalista, do outro os rigores do coletivismo comunista. A Berlim oriental também era uma espécie de vitrine de virtudes socialistas, com sua ênfase em ordem e "kultur", ajudada pelo fato de os melhores museus e teatros e os prédios antigos mais preservados terem ficado para eles. Mas nada que pudesse competir com os anúncios luminosos e as promessas de prosperidade e alegria do lado ocidental.

E aconteceu uma coisa curiosa. Com a reunificação, os dois mundos não têm mais uma fronteira física mas mantêm uma diferença que só pode ser descrita, na falta de um termo mais preciso ou menos aéreo, como de atmosfera. O lado oriental hoje tem as



mesmas grandes lojas do lado ocidental (foram as grifes, não os trabalhadores, do mundo que se uniram numa fraternidade internacional inventível), os mesmos grandes hotéis e o acesso a todas as alegrias ocidentais que o muro impedia, mas também tem um clima classudo, que o outro lado perdeu. Hoje o Kulturstandamm, o centro mais luminoso da grande vitrine capitalista quando a cidade era dividida, parece decadente, enquanto o lado oriental se modifica sem perder o que antes

era sobriedade depressiva e hoje é elegância. O lado oriental parece mais grã-fino, o ocidental mais proletário. O que não deixa de ser uma forma de vingança.

E é na revitalizada Avenida Unter den Linden, que começa no portão de Brandemburgo e entra pelo lado oriental, que os berlinenses hoje têm uma ideia do que era a Berlim do século dezoito, quando a chamavam de a Paris do norte, e um modelo para o que toda a cidade pode ser no futuro.

10

Não o bastante

Particpei de algumas reuniões de criação com o pessoal do "Casseta e Planeta", há anos, e o que as pessoas mais me perguntavam, depois, era "Como é o Bussunda?" E se surpreendiam quando eu contava que não era nada do que imaginavam. Era um cara tranquilo, e quieto

VERISSIMO DE MUNIQUE



Melhorou um pouco, né? Não o bastante para ninguém dormir tranquilo, muito menos o Parreira, mas o Ronaldo — que concentra nossas diversas alíquotas — fez duas ou três jogadas, deu o passe para o Adriano fazer o gol... Quer dizer, comparado com o nada fez no último jogo, melhorou. Consolemo-nos com pequenas dádivas. E é um pouco injusto comparar o Ronaldo com o Robinho, que entusiasma quando entra. Parreira obviamente hata o Robinho em campo para mudar a mecânica do jogo, não para ser o Ronaldo que o Ronaldo não consegue ser. O substituto do Ronaldo é o Fred.

A Austrália é melhor do que a Croácia, o que não é dizer muito. A maioria dos australianos em campo joga na Inglaterra. Foi um jogo entre europeus adotivos. Não anda bem o futebol europeu.

Particpei de algumas reuniões de criação com o pessoal do "Casseta e Planeta", há anos, e o que as pessoas mais me perguntavam, depois, era "Como é o Bussunda?" E se surpreendiam quando eu contava que não era nada do que imaginavam. Era um cara tran-



qu沿海, e quieto. Certa vez o Serginho Grotissman teve a ideia de nos convidar ele e eu, para falar sobre humor no seu programa. "Háise nada sobre outra coisa. Mas depois o Bussunda me assegurou que nossos silêncios tinham sido inteligentes. Outra vez a revista "Placar" fez uma enquete entre jornalistas esportivos e papibiteros para escolher a seleção Brasileira de todos os tempos e foi o meu voto no Claudionirto, do Internacional, que impediu a escalação do Zico. O flamenguista Bussunda nunca me perdoou. Nos encontramos nas Copas dos Estados Unidos e da França e aqui, em última vez que falei com ele, na terça, antes do jogo Brasil e Croácia e depois da derrota do

Japão pela Austrália, ele me perguntou se, na minha opinião, o Claudionirto teria se saído melhor do que o Zico como técnico do Japão... E comentou que na hora de o credenciar para cobrir a Copa os alemães tinham cometido um pequeno erro no seu sobrenome judaico, uma letra a mais ou a menos sem qualquer importância, mas que anos atrás teria salvo a vida de familiares seus.

A morte do Bussunda abalou todo mundo. Dizem que ele não se cuidava. Talvez não tivesse uma noção exata do valor, e da admiração e do carinho que todos tinham pelo que ele discutava.

17

VERISSIMO DE LEVERKUSEN



Assombros efêmeros

Mas assombro mesmo, até agora, é a Argentina. Seu próximo jogo é contra a Holanda. O protótipo do assombro efêmero. Talvez esteja na hora de a Holanda se vingar da História

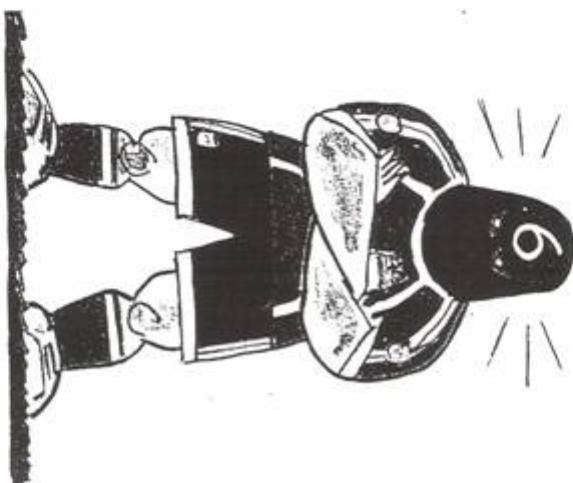
O desejo secreto é que a Argentina seja outro exemplo de um fenômeno muito comum nas Copas, o do assombro efêmero.

O protótipo do assombro efêmero é aquela seleção da Holanda que tinha supostamente revolucionado o futebol para sempre. A Laranja Mecânica, o carrrossel irresistível. Marcação sob pressão o tempo todo, ninguém guardando posição, futebol total e — era o que se dizia — definitivo, que no entanto não ganhou a Copa, em que foi a sensação e desapareceu como aparição. A Holanda ainda é uma eterna candidata ao título e algumas das suas novidades foram incorporadas ao futebol convencional, mas nem ela adotou o próprio estilo inédito. A revolução holandesa assombrou mas não pegou.

Outro assombro efêmero foi a Dinamarca em 1986. Depois de dar de cinco em não me lembro quem, a Dinamarca de 86 estava sendo saulada como uma combinação perfeita de arte

e aplicação, e apontada como uma das favoritas para ganhar o título daquela Copa. Uma nova potência futebolística estava nascendo, ninguém parecia ter como enfrentá-la, a Dinamarca era assustadora, era... Épa. No jogo seguinte a Dinamarca e todas as teorias a seu respeito perderam feio. O assombro não durou uma semana.

Nesta Copa o assombro é a Argentina. Conteceu conservadoramente contra a Costa do Marfim, mas contra Sérvia e Montenegro não conseguiu fazer seis a zero mas quatro dos seis gols foram marcados quando o Tovez e o Messi ainda não tinham entrado em campo, o que significa que seu banco de reservas também é um assombro. Outras seleções estão ganhando bem, a Espanha, que acaba de ganhar da Tunísia, começou com quatro a zero contra a Ucrânia, que deu de quatro na Arábia Saudita. Mas assombro mesmo, até agora, é a Argentina. Seu próximo jogo é contra a Holanda. O protótipo do assombro efêmero. Talvez esteja na hora de a Holanda se vingar da História.



18

Lendas e fatos

A frase "O Juninho Pernambucano tem que entrar nesse time" flutua no ar como o pólen. Se vem dos jogadores, de jornalistas escaladores ou da própria comissão técnica, não se sabe. Pode estar havendo uma rebelião ou pode ser tudo lenda. Só se deve ter certeza de uma coisa: o Parreira não está dormindo

VERISSIMO DE LEVERKUSEN



Frente os muitos mitos que se criaram sobre a seleção brasileira um dos mais repetidos, e mais desmentidos, foi o de que o time vencedor da Copa de 1958 tinha sido escalado pelos jogadores. Contra a vontade do técnico Vicente Feola, os jogadores, liderados por Milton Santos, teriam imposto a escalção de Vavá e Pelé em lugar de Mazzola e Moacyr e principalmente de Garrincha em lugar de Joel, na ponta direita, lembra-se dela? Um corolário deste mito (ou verdade) é que as modificações teriam sido feitas enquanto o Feola dormia, pois o rotundo treinador não conseguia manter os olhos abertos nem durante os jogos. O mais difícil, em caso de vitória do Brasil, não seria carregar o Feola em triunfo. Seria acordá-lo para as comemorações.

Muita gente, depois, insistiu que nada disso era verdade. Feola podia dar seus cochilos, mas não era um treinador omissivo, e as modificações no time tinham sido acertadas em conversas com os jogadores, sem imposição de ninguém. O fato é que o time titular que viajou para a Suécia em 58 foi bem diferente do time que venceu a final. No meio do caminho alguém se deu conta de que precisava mudar.



Se o Feola sonhou com as modificações antes de fazê-las, ou se houve uma reunião organizada pelo Milton Santos em que se proibiu a entrada de técnicos e cartolas e os jogadores decidiram o que fazer, não se sabe. Talvez este seja um caso em que se deva seguir o conselho do velho John Ford: mesmo que os fatos desmentiam a lenda, publique-se a lenda. Ela é a verdade que as pessoas preferem.

Estaria havendo um descontentamento entre os jogadores da atual seleção. Todo mundo já teria se dado conta de que precisa mudar.

Discute-se o mau aproveitamento do Ronaldinho Gaúcho, que estaria sofrendo um processo de bechhamização: fica fazendo lançamentos, lançando bolas para a frente do gol e batendo escanteios, como o galo inglês, e não entra na área nem para abraçar quem fez o gol, pois os gols são fatos. A frase "O Juninho Pernambucano tem que entrar nesse time" flutua no ar como o pólen. Se vem dos jogadores, de jornalistas escaladores ou da própria comissão técnica, não se sabe. Pode estar havendo uma rebelião ou pode ser tudo lenda. Só se deve ter certeza de uma coisa: o Parreira não está dormindo.